



Logrador: o lugar da significação

Roseli Batista de Camargo

Dentro do universo da Linguística, ciência do estudo da língua, a Semântica define-se como a área que se propõe a analisar os processos relativos ao significado, ou seja, ela visa ao esclarecimento dos mecanismos da significação.

No vasto campo da Semântica pode-se, ainda, delimitar um espaço mais restrito de estudo, apresentando uma abordagem de análise imanente, alicerçada na elucidação e na definição de escolhas de vocábulos, ou de expressões, utilizados pelo escritor-emissor, ou sujeito da enunciação, na codificação de sua mensagem.

Com base no estudo linguístico, voltado às questões da significação, proponho a leitura do poema “Logrador”, de Antônio Cícero.

Ao longo dos versos desse soneto, de acordo com os conceitos da semântica estrutural saussureana, o sentido constrói-se a partir de oposições que se projetam nos eixos paradigmático e sintagmático.

No primeiro verso, encontra-se a forma de tratamento *você*, que, no eixo paradigmático, poderia opor-se a João, Joana, Paulo, etc., como se observa nos versos:

**Você habita o próprio centro
De um coração que já foi meu**

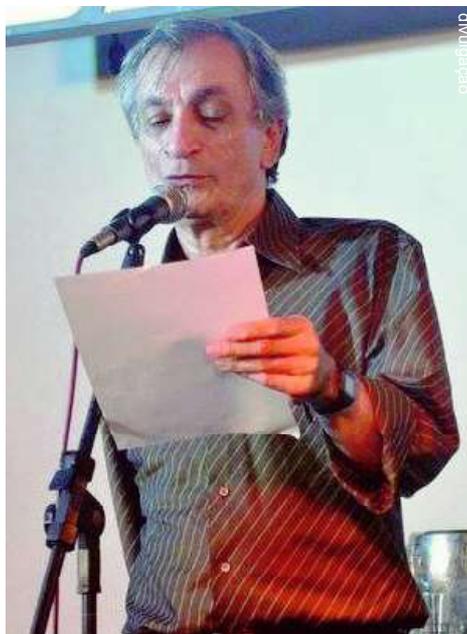
Na primeira quadra, a mensagem se desenvolve como um chamamento, representando um diálogo assumido pelo eu lírico, ou eu do enunciado, em relação a um interlocutor determinado, o sentimento amoroso, personificado.

No eixo sintagmático, ou de desenvolvimento da linha poética, encontramos o estabelecimento da relação conflituosa do eu do enunciado com o interlocutor, uma relação em que o sentimento amoroso ganha a conotação de intruso, pois o eu do enunciado metáforiza o conflito que se estabelece no que se refere ao sentido de posse do Amor sobre o seu ser, como se percebe pela leitura dos versos:

**Você habita o próprio centro
De um coração que já foi meu**

Esse relacionamento acarreta dor e revolta ao eu lírico, e isso é expresso por meio da utilização do vocábulo *habitar* – com a conotação de posse, de senhoria, do ser, por parte do Amor – e, até mesmo, de roubo, conotação que se reforça por meio dos complementos: *o/próprio/centro/de/um/coração/que/já/foi/meu*.

Essa intenção de combate, assumida pelo eu lírico, por não aceitar que um sentimento tão



Antonio Cícero

forte se aproprie de sua interioridade constata-se, ainda, nos versos dessa mesma quadra, tanto no eixo paradigmático, como no eixo sintagmático. Fato que se verifica na utilização do vocábulo “dentro”, que, quando ocorre em diferente posicionamento traz, como consequência, a alteração no significado da mensagem, como nos indicam os versos:

**Por dentro torço pra que dentro
Em pouco lá só more eu.**

Percebe-se, na segunda estrofe, que o soneto se desenvolve em tom irônico e de rebeldia em relação ao sentimento arrebatador que toma conta do eu lírico, que expõe seu desejo de retomar a posse de sua identidade, fato traduzido como exaltação à liberdade de escolha, à eleição de afetos. No eixo sintagmático, evidencia-se isso por meio dos complementos de cada expressão nominal, tais como: “livre” (ou liberto), “centro” e “ócio”, que mostram o desejo de domínio do eu sobre suas emoções, como o demonstra a leitura dos versos:

**Livre de todos os negócios
E vícios que advém de amar
Lá seja o centro de alguns ócios
Que escolherei pra cultivar-se**

No eixo paradigmático, podem-se inferir as oposições instauradas pelo vocábulo “livre”, em

relação às palavras que se lhe opõem, tais como: “prisão”, “cárcere”, o que reforça o sentido de clausura, ou de sujeição do eu ao sentimento que o prende e, ao mesmo tempo, o desejo de mudança de estado. Essa estrofe traça o itinerário de reocupação por parte do eu da enunciação, do espaço representado pelo sentimento amoroso exaltado.

A retomada da consciência, ou da razão, a que se propõe o eu lírico, simboliza a liberdade, o controle dos sentidos. De posse do domínio do sentimento de amor, o eu poético cultivaria alguns prazeres, que lhe trariam vigor, em oposição à destruição de seu querer, representada pela entrega ao outro, ao sentimento de amor.

Tal proposta se desenvolve na estrofe final, em que o eu da enunciação relata, no eixo sintagmático, seu sentimento de frustração e de desejo de afastamento em relação ao Amor, retratado como “ser” dotado de qualificativos negativos e destrutivos, como: o rancor, o ódio, a solidão que são seus companheiros, como se lê nos versos:

**E pra que os sócios vis do amor
Rancor, dor ódio, solidão
Não mais consumam meu vigor,**

No eixo paradigmático percebe-se a oposição amor/solidão x libertação/logrador, quando se observa o fato de que o vocábulo logrador retrata o desejo do eu poético de vencer o sentimento amoroso, banindo-o para longe do centro de seu ser, para um local à margem do centro do coração, local em que teria uma atuação mais branda, passível de controle, o que traria de volta a consciência de autonomia do eu lírico sobre seu “coração”.

**Amada e amor banir-se-ão
Do centro rumo ao logrador
Subúrbio desse coração.**

Conclui-se que o eu lírico do soneto “Logrador” constrói-se como símbolo do poeta moderno, que, em oposição ao poeta da tradição, cujos sonetos exaltavam o sentimento amoroso, representa-se, talvez, como o reflexo do homem e do poeta moderno, para quem o ato de criação poética traduz-se como tentativa de logro, engano, de seus próprios sentimentos.

Roseli Batista de Camargo é escritora, professora, coordenadora do Curso de Letras - FESL Jaboticabal/ SP - e diretora do Núcleo Docente Estruturante. Mestre em Letras na área de Estudos Literários e doutora em Estudos Literários, pela UNESP- Araraquara.



Direitos na Cotangente

No mês de março são comemorados os dias do Bibliotecário (12), Mundial da Poesia (21), Internacional das Mulheres (8) e Nacional dos Animais (14).

No dia 8 de março de 1917, na Rússia, mulheres trabalhadoras do setor de tecelagem entraram em greve e reivindicaram a ajuda dos operários do setor de metalurgia. A data marcou o grande feito das mulheres e o prenúncio da Revolução Bolchevique.

Em 8 de março de 1857, em Nova York, operárias têxteis grevistas foram trancadas num galpão e, após um incêndio na fábrica, 130 mulheres morreram carbonizadas. Reivindicavam redução da jornada de trabalho de 16 para 10 horas por dia. Recebiam salário três vezes menor que dos homens.

As mulheres continuam na luta em defesa dos seus direitos e seus salários que ainda são inferiores ao dos homens. Poucas ocupam cargos na política, na Câmara e no Senado.

As mulheres têm muito que pleitear pelos seus direitos e lutar por novas conquistas. As regras da Previdência em vigor colocaram os direitos das mulheres na cotangente.

Deixamos nossos protestos contra o feminicídio, o assédio moral e sexual, contra o racismo, as disparidades sociais, a xenofobia; bem como contra a violência para com as mulheres, nossas crianças e para com os animais indefesos.

Pela igualdade de direitos, por melhores salários e condições de trabalho, sem distinção de raça e sexo.

Nossas homenagens às poetisas, escritoras e a todas as profissionais que vêm contribuindo para a construção de um futuro melhor, de um país mais digno de se viver.

Dedicamos a edição à escritora negra maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), autora de *Úrsula* que pode ser considerado o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher, publicado em 1859. Firmina também foi a primeira mulher aprovada num concurso público no Maranhão para o cargo de professora do curso primário.

Também dedicamos a edição à Rubenira Farias de Oliveira Souza, bibliotecária da Academia Paulista de Letras, para representar a categoria do Bibliotecário pelos relevantes serviços que vêm prestando aos livros e às nossas Letras.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00
Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil
Envio de comprovante, com endereço completo, para o email
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavier

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

CARAMUJO TOTEM

Raquel Naveira

Foi depois da chuva, entre o pé de dama-da-noite e as folhas da amoreira, que ele apareceu: o caramujo. Que estranho esse molusco! O corpo de lesma e lodo, os pequeninos chifres como antenas captando a direção do vento, a concha espiralada nas costas. Tenho a impressão que me observa, mas é cego e por isso mesmo talvez enxergue minha alma. Talvez saiba que sou feita de mucos, como ele. Desloca-se, lento e fresco. Desliza a pele macia pelas lajotas do jardim, soltando um visgo. Pesa-lhe o esqueleto que carrega, como um fardo de nácar.

Esse rastro de brilho cintilante são marcas do passado, de tudo que deixamos para trás, pelo caminho: os sonhos; as sementes do sexo; as lágrimas líquidas e quentes, do material das pérolas. A concha é o lugar para nos escondermos dentro de nós mesmos, quando sentirmos o perigo do predador. Encolheremos tanto nesse movimento de viagem interior que voltaremos ao útero, casa de veludo em que estávamos protegidos do medo, do frio e do calor.

Esse animal totem, não sociável e tímido, tornou-se o símbolo do poeta Manoel de Barros. Ele explicou, em um de seus poemas, que "o próprio anoitecer faz parte de haver beleza nos caramujos", pois "eles carregam com paciência o início do mundo". Acrescentou: "Há um comportamento de eternidade nos caramujos." "No geral, os caramujos têm uma voz desconformada por dentro." Pura voz da intuição, do farejar a umidade do ar, é o que penso.

Quando o cineasta douradense, Joel Pizzini, resolveu filmar um curta-metragem cheio de signos verbais e visuais sobre a arte poética de Manoel de Barros, escolheu o título "Caramujo-flor". Alexandre Azevedo escreveu, inspirado na infância do poeta, o livro "O menino que virou caramujo", mergulhando num universo de insetos, pássaros, flores e árvores, numa trama de insignificâncias que deram origem



Caramujo

à cosmovisão do poeta. E o artista plástico Ique, criador da estátua de Manoel de Barros, atração turística colocada embaixo de uma figueira centenária na principal avenida da cidade de Campo Grande, modelou em bronze um caramujo que passeia pela borda do sofá da sala do poeta.

Enquanto isso, o caramujo, em ondas e flutuações, desfila pelas lajotas, como um cordão umbilical enrolado em sangue e lama, logo em seguida ao parto. Assim como o poeta, ele trabalha vagaroso, meditativo, confiando apenas em completar sua obra, seu destino. Tão frágil, vulnerável, isolado na terra, perseverante nessa trilha. Chegará, no tempo exato, a algum riacho de águas doces e profundas. A lua ilumina a cola em prateada teofania.

Ah! Esqueci de contar: era lua cheia, quando o caramujo apareceu.

Raquel Naveira é escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infantojuvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente), à Academia Cristã de Letras de São Paulo e ao PEN Clube do Brasil.



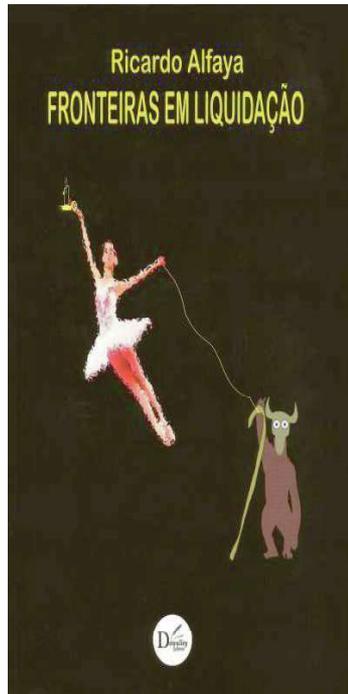
Algumas anotações sobre *Fronteiras em liquidação* de Ricardo Alfaya

Lina Tâmega

Esta antologia, que reúne poemas de diferentes tempos e outros mais recentes, me surpreendeu pela perfeita e sedutora estrutura formal dos versos, onde se firma e se desenvolve o fio do pensamento poético, o ritmo que ordena o respirar, a ironia harmonizada, a denúncia social, política e humana, o cotidiano, a solidão. A poesia compreendida como casa, construção do mundo, muro, chuva, mágoa, vento, perguntas, angústias, desertos, sumo de amor, o desconsolo. E, ainda, o emprego de metáforas inusitadas e surpreendentes, apenas citando algumas: “São apenas dois pares de olhos / vestidos de óculos,” ou “Permitam-me o conforto do vazio”, além das aliterações que conduzem as vezes a um tremular de encantação, como exemplificam os versos: “Este é um poema de circo, / a rígido rigor adstrito. / Palavra podada, / enxuta, exaurida, exumada; / de medida calculada.”

Destaco alguns pontos que me parecem constituir um núcleo imagético, como a procura da “inspiração” para que o poema se faça, a ligação, quase amorosa, do poeta com a poesia, numa fusão de êxtase e cintilações, ou se estendendo mais, um valor e uma função conceituais, únicos em sua completude de espaço, como vemos em: “poema e poeta / se completam num só corpo / um conduzindo o outro, além fronteiras” ou quando você escreve: “O maior poema de um poeta / é a invenção de si mesmo.”

Você menciona, na introdução ao “Livro 3”, o impacto estético e sensorial que sentiu ao ver a exposição de desenhos de Picasso (penso que sejam, talvez, os da série Minotauro maquia) em setembro de 2015, no Rio, e afirma que muitos poemas em sua obra “tiveram sua gênese nas notáveis obras da exposição”. Creio, Ricardo, que este tema, advindo desta figura mítica, contém a mesma dicotomia imposta à imagem poeta-poema, a



de um ser à procura do outro, para que convivam e se completem em um só símbolo imaginário. A isto acresce-se o labirinto, metáfora que sugere a realidade da vida, incerta e dolorida, inserida no devaneio do poeta. A “leitura” do Minotauro em seus poemas leva à dualidade e às contradições do viver, a fim de buscar a fusão, completa e perfeita, da dimensão poética. Homem e animal, este movimento dual, biforme, que promove, ao mesmo tempo, a experiência do mergulho do poeta na dimensão mais profunda de si mesmo.

Foi com imenso prazer, do prazer do texto, mencionado por Barthes, que li seus poemas.

Um abraço de alegria e admiração.

Lina Tâmega é crítica literária, professora universitária, poeta, membro do Pen Clube do Brasil-RJ, da Associação Nacional de Escritores e da Academia de Letras do Brasil. Cofundadora da revista *Meia Pataca*. Filiada ao Sindicato dos Escritores do Distrito Federal.

DOLORES

Yara Camillo

Lola, batizada Dolores por Madrinha Inês, paria um filho por ano. Morreu de parto no quinto e com ele foi para o caixão, um só, árvore e fruto juntos para sempre. A noite inteira foi um vaivém de gente vizinha e até de longe, que o caso ganhou vida e correu como fogo na palha. Também Madrinha Inês ia e vinha até o caixão e, acariciando o neto, dizia:

– Veja o que você fez com sua mãe, desalmadinho.

Não se podia chorar pelo anjo, que lágrimas sobrepeçam as asas no voo para o Céu. Mas por Lola, sim, chorou-se muito, choraram os órfãos de nome iniciado por “D”, como a mãe: Darcy e Deolinda, Dracena e Dráuzio. Chorou Madrinha Inês como nunca, amparada pelas filhas tortas, vestidas naquela noite como direitas meninas, sem rendas nem maquiagem. Guardou luto a Madrinha até o sétimo dia e então reabriu a casa e criou os netos e às vezes escapava para um canto e chorava Lola, sua flor maior.

André, de Lola viuvo inconsolável, foi buscar alento na locutora recém-desembarcada na estação de rádio local e com ela partiu para outras ondas, jurando não esquecer os filhos, jamais. Mandou dinheiro e notícias nos primeiros meses. Depois rareou as notícias e o dinheiro ainda mais, frequência de modulada a nada, até o silêncio. Assim foi com André e sua nova esposa, levados por bons ventos a outra cidade, à matriz da agora extinta rá-

dio local, destruída por um incêndio, diziam, criminoso.

Fizeram breve falta. Ninguém mais soube, nem muito se buscou saber, de André. Os órfãos dele e de Lola cresciam, estórias outras germinavam, Lola e o desalmadinho perdiam-se na memória geral, que nada era para sempre, nem mesmo a eternidade daquelas mortes mal desabrochadas. E já ninguém diria disso coisa alguma, nem eu, não fosse uma lembrança puxada da manga por Madrinha Inês, nesse último Finados, na volta do cemitério: que no dia do enterro de Lola e seu menino apareceram umas crianças, umas tantas, mas tantas, que era de se estranhar. Só então se soube que na capela do cemitério velavam outro anjinho, e os pais, ali sozinhos, pediram aos meninos da rua que acompanhassem a filhinha à sua morada última. E foi aquele bando levando o caixote que parecia um berço, e a mãe variando em amores: “Lá vai você, brincando com os amiguinhos.”

E só mesmo Madrinha Inês para contar uma coisa dessas sem causar na gente uma desvantagem de viver, ao contrário: avivando aqui no peito um fogo, uma fome de alegria, só assim por estarmos, ainda, neste vale de lágrimas que às vezes nem dá vau.

Yara Camillo, escritora, contista e tradutora, é formada em Comunicações pela Fundação Armando Álvares Penteado com especialização em Cinema. Tem vários contos premiados, entre eles "Multiplicação dos Pães" (Prêmio da Agenda Latino-Americana em 2003).

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



Setembrices

Flora Figueiredo

Alameda em tufos.
Alegoria de ipês
a resvalar nas cores do céu.

Com tanta tinta no espaço,
o sanhaço que veio a passeio,
se perdeu.

Flora Figueiredo é escritora, jornalista, cronista, tradutora, poeta e compositora. Autora de *Chão de Vento, Florescência, Limão Rosa*, entre outros. Exerceu o cargo de Vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.

Perpetuar-se

Rosani Abou Adal

Não ver o que não se sente.
Um instante frágil codifica
as sutilezas do sopro lilás,
eterniza o segundo.
A vida se perpetua em memória.
Ser e não ser uma questão sem solução
nas equações e teoremas de Fermat.
Sem despedidas, medos
e ilusões transparentes.
Beijos voláteis com
gosto de quero mais.
Orgasmo eternizado
entre sustentidos e bemóis,
na escala de Dó maior,
entre colcheias e semifusas.
A dialética do oprimido
representa os ideogramas
das torturas vaginais.
Premissas sem solução,
a alquimia do prazer entre as coxas
não deixa rastros.
Sementes brotam sem germinar sonhos.
Alfa mais Beta desvendam
as incertezas do gozo e do orgasmo.
O prazer não tem fronteiras.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista, poeta, publicitária, editora, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*, entre outras obras. www.poetarosani.com.br

REVIVER O PASSADO

Maria Thereza Cavalheiro

Há criaturas
que a gente deve
deixar no tempo,
esquecidas,
como se mortas
fossem.

Profaná-las,
tirá-las do olvido,
é criar
desencantos.
Nada fica
no mesmo lugar.

E nem nós
se as reencontrássemos
seríamos os mesmos.
Certas criaturas
devem ficar no tempo
como se mortas fossem.

Não convém
desenterrar o passado.
É melhor respeitá-lo,
deixar o tempo parado.
Como um velho relógio com a corda
irremediavelmente quebrada.

Maria Thereza Cavalheiro (25 de janeiro de 1929 - 2 de setembro de 2018), poeta, contista, escritora jornalista, advogada, tradutora e ecologista. Foi co-fundadora e a primeira presidente da UBT (União Brasileira de Trovadores), seção São Paulo, em 11.09.1969, que dirigiu até 1976.

Manchetes em versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto
gráfico de Xavier

Prefácio de
Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>

Pelos Meandros do Tempo

Amaryllis Schloenbach

Foste a água
que eu carregava
nas mãos em concha
pela vida afora!

Mas,
pelos meandros do tempo,
esvaiu-se.
Agora,
o espanto de meus olhos
se defronta
com a realidade
de minhas mãos
vazias!

Amaryllis Schloenbach é escritora, jornalista, advogada, tradutora, poeta e cronista. Graduada em Letras. Autora de *Pelos Meandros do Tempo, Girândola*, entre outras obras.

Bolhas de Sabão

Débora Novaes de Castro

Vai chalana, docemente,
pelas águas da ilusão...
do passado, névoa ausente,
companheira, a solidão.

Outrora, manhã ditosa,
coração em alvoroço,
a menina, venturosa,
à vista de guapo moço.

Fulguras de amor nascia,
matinais, gentil guarida;
nem falava, e então sorria,
a menina embevecida.

Nessas águas, mareantes,
rendilhada sedução...
reluzentes, como dantes,
essas "bolhas de sabão"!

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela PUC - São Paulo, 2004. Autora de *Mares Afora, Chão de Pitangas*, entre outras obras. www.deboranovaesdecastro.com.br



LIVRO DE ELIZABETH RENNÓ – QUÂNTICO –

Primeira Mulher Presidente da Centenária Academia Mineira de Letras

Andreia Donadon Leal

Poemas
são
como
estrelas
(...)

Avatares poderosos
imortais

em suas imagens metafóricas.

Depois desta abertura magistral que a autora dá a *Quântico*, numa metapoética em forma de introito, ela, professora, escritora, acadêmica e poeta, Elizabeth Rennó, nada deixou para ser dito num pretenso prefácio, mas abriu múltiplas possibilidades de contextualizações a partir da proposição de reunir poemas seus em um livro que se lança a leituras.

Inicialmente devo destacar alguns critérios de escolha. Sem estranhamentos, mesmo em se falando de poesia, para uma pessoa criteriosa, pesquisadora, critérios de seleção fazem parte dos seus procedimentos corriqueiros. Daí um sumário mosaicoide constelar, à semelhança de um céu estrelado, numa ordem a pressupor uma linha do tempo metafóricamente desenhada pela ordem alfabética, jogada no espaço aleatório, mas numa pressuposição da linearidade do tempo linguístico, desenhado grafema após grafema, enunciado fonema após fonema.

Para dizer claramente, Rennó atesta que os poemas deste livro, a exemplo das partículas atômicas, são únicos e de energia eletromagnética indivisível. Daí restar ao leitor a hipótese de procurar similaridades e contiguidades nas unidades de composição de palavras e versos e textos e contextos, em que cada partícula indivisível se soma no labor de produzir significação, porque ele não vem de graça. Eis que vem ao meu socorro Jakobson, a dizer que:

Em poesia, não apenas a sequência fonológica, mas, de igual maneira, qualquer sequência de unidades semânticas, tende a construir uma equação. A similaridade superposta à contiguidade comunica à poesia sua radical essência simbólica, múltíplice, polissêmica, belamente sugerida pela fórmula de

Goethe – tudo quanto seja transitório não passa de símbolo. (...) Em poesia, onde a similaridade se superpõe à contiguidade, toda metonímia é ligeiramente metafórica e toda metáfora tem um matiz metonímico. (Jakobson, *Linguística e Comunicação*, 1969, pág. 149.)

Como nesse jogo de construção simbólica, similaridade e contiguidade não se excluem, mas se superpõem, a significação é resultante de um esforço múltiplo, em que opções se abrem para formulações de sentido, porque em poesia não é a comunicação direta que se apresenta, mas a simbólica, em que os signos perfazem trajetos particulares para alcançarem percursos consensuais. Esses trajetos particulares, via de regra, não representam algo que faz sentido nas textualizações ordinárias. É justamente esse desvio de rota que produz beleza na plasticidade do texto poético. Para me ancorar num clássico dos estudos literários, recorro a Mukarovsky, que diz:

Quando dizemos que uma obra de arte se refere ao contexto dos fenômenos sociais, não afirmamos em absoluto que coincide necessariamente com ele, de sorte que possa ser considerada como um testemunho direto ou um reflexo passivo. Como todo signo, a obra pode manter com a coisa significada uma relação indireta – metafórica, por exemplo, ou oblíqua de uma outra maneira – sem deixar por isso de referir-se a ela. (Mukarovsky, “A arte como fato semiológico”. In: *Toledo, D. Círculo Linguístico de Praga*, 1978, pág. 134.)

É o que podemos perceber no poema *Abismo*, que se autoriza a extinguir o sol no movimento rotacional a produzir noite, naturalmente, e faz desse anoitecer um lançar-se em abissal precipício, numa proposição do fim dos tempos, particularmente absurda, mas possível no espaço simbólico da poesia.

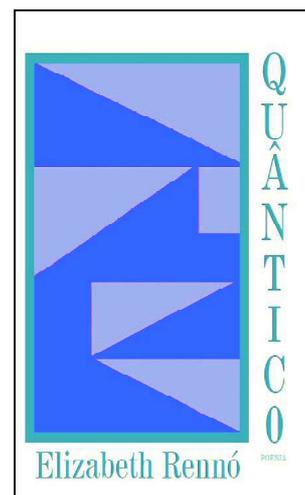
*A penumbra desce
e o sol que iluminava os dias
já se extingue
Neste sonho louco
tudo se lança
em abissal precipício.*

Esse fazer simbólico da poesia de Elizabeth Rennó apropria-se da mesma complexidade de compreensão dos conceitos quânticos, de

poder fazer visível algo absolutamente invisível, no universo das partículas dos átomos, tidos até pouco tempo passado como a menor partícula existente. No caso da poesia da primeira presidente feminina da Academia Mineira de Letras, não se trata de se imaginar num conjunto de poesia minimalista, mas nas partículas composicionais de seus poemas, mesmo longos, a partir das quais fonemas ou grafemas são elementos fundamentais na produção de sentido, sempre em estreita conexão com os contextos particulares implicados nas textualizações poéticas, para produzirem inovações no campo das significações.

A íntima conexão da denominação poética com o contexto pode explicar também a tendência específica – embora não essencial – da língua poética para as denominações figuradas e sobretudo para as imagens novas, não-autorizadas. Tais imagens são possíveis em virtude da coesão semântica do contexto, que permite a introdução de uma relação nova e original entre a palavra, usada em sentido figurado, e uma realidade que, de ordinário, ela não significa. É o contexto que sugere ao leitor a significação atribuída à palavra pela decisão individual e única do poeta. (Mukarovsky, “O estruturalismo na estética e na ciência literária.” In: *Toledo, D. Círculo Linguístico de Praga*, 1978, pág. 160.)

Assim, nesse universo vivo de significações é que nos deparamos com esse livro fundamental da poesia brasileira. Os poemas já foram em algum momento passado publicados – em folhetos, jornais, páginas web, em revistas ou livros. Nesses contextos o alcance simbólico era um, com universos contextuais específicos para cada poema em relação àquele suporte midiático. Neste caso, no suporte livro, cada um é uma unidade de um conjunto nessa constelação que se formou dessas partículas que vagavam cada um com uma trajetória inespecífica. A aglomeração dessas partículas em livro conduz o processamento semiótico a partir do conjunto, mesmo que o olhar esteja voltado para uma partícula de um poema ou para um poema específico. Estes estão para o conjunto que, de alguma forma, contextualizam cada



uma das suas especificidades.

*A igreja centenária
(será ainda procurada
no turbilhão de hoje?)
Tudo ficara engessado
na corrida dos dias
No entanto
eu já não era a mesma
mil ocorrências
anos tempestuosos
eram passado perdido
nas marcas profundas
do amargor
da saudade persistente
de um tempo.*

Assim, no poema *Viagem da Memória*, a autora fecha com chave de ouro essa incursão pelas possibilidades de significação, ilustrando com a maestria de sua experiência na produção e na docência de literatura como os contextos são vivos na linha do tempo, em que as coisas e as pessoas não são as mesmas, entretanto marcas profundas de uma memória persistem; indícios e profusões de experiências, similaridades e contiguidades, metáforas e metonímias de fatos e ações dos universos experimentados ao longo das experimentações sociais.

Por isso e muito mais é que a divulgação e a leitura de *Quântico* se torna essencial, para iniciados ou não em poesia. Na medida do possível que a leitura seja um exercício de procura, pois a autora explora cada partícula fonética ou grafêmica para provocar sentidos. Vale a pena remexer essas miúcias!

Andreia Donadon Leal é poeta, escritora aldravista e Mestre em Literatura pela UFV, presidente da ALACIB-MARIANA e ABRAAI e membro do PEN CLUBE DO BRASIL.



ESTÁTICA

Sonia Sales

Juntam-se as partículas
eletricidade formando.
ESTÁTICA ESTÁTICA
Choque!
Suas mãos no meu corpo
seus olhos nos meus
ESTÁTICA ESTÁTICA
Apenas cinética
minha alma é gráfica.
No computador, meu
coração um unicórnio.
Um ícone é meu lar.

Sonia Sales é escritora, poeta, ensaísta, membro da Academia Carioca de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e do PEN Clube do Brasil. Autora de Sol Desativado, Eça e o País do Meio (ensaio), entre outras obras.

PASSADO

Maria de Lourdes Alba

Sombras de um passado
Que para frente levei
Sobras de um destino
Tempo que te amei

Recordo as tardes as noites
Em que contigo passei
Amores perdidos na sombra
Do destino que levei

Desejos que tarde se foram
Ao relento ao vento deixei
Passado que recordo com graça
Das tardes que te beijei

Maria de Lourdes Alba é poeta, escritora, jornalista e pós-graduada em Comunicação Jornalística. Autora de Traços Poéticos, entre outros livros.

Resolução

Djanira Pio

Homens inteligentes
resolvem:
- manter esse estado de coisas.
Satisfeitos
bonitos
bem alimentados
bem dotados
felizes resolvem:
- manter esse estado de coisas.

Djanira Pio é escritora, poeta, professora e contista. Autora de O Lado Avesso, A Cidade dos Sonhos, entre outros livros.

HAICAIS

Teruko Oda

Emergem das águas
em vôos sincronizados
peixes-voadores.

Noite clara e úmida —
Envolve o chalé serrano
o coaxar dos sapos.

Teruko Oda é escritora, poeta, haicaísta e professora. Uma das fundadoras do Grêmio de Haicai Caminho das Águas, de Santos, e presidente do Grêmio Haicai Ipê, de São Paulo.

SALVE, MARIA!

Lóla Prata

Ela me parece feita de pe-
dra ou de argila dura como
quê! Tem sempre igual expressão:
não ri nem deixa de sorrir. Olha-me
com atenção quando eu faço o
mesmo. Reciprocidade. A estátua
representa uma mulher negra, nada
esbelta, cujos trajes disfarçam todo
o corpo. Quase não lhe diviso as
feições por ser pequenina. Teimosamente
devagar, vou delineando o
semblante: parece-me feita para os
padrões contemporâneos. Teria
sido esculpida há décadas...

Quem a teria confeccionado,
dando-lhe forma? A quem o escultor
queria retratar? Imagino que todo
artista espera criar beleza capaz
de, através do sentido da visão, atingir
o cerne que nos desperta emoções...

Sinto o ímpeto de sair de perto
dela, de fugir para céu aberto, mas
meu corpo não obedece. Permanece
diante da mulher de pedra, olhos
fixos nela, na aura transcendente
que a rodeia. Sinto-a além dos ele-
mentos, numa onda de bondade
que me absorve e revoluciona tudo,
tal qual age um mar poderoso. Na
espuma onde me banho, quebram-

se as prisões da minha alma, ci-
catrizam-se feridas entreabertas e
infeccionadas de decepções hu-
manas, adocicam-se as saudades
de amados ausentes. Sana-se a
culpa encoberta por falsos risos e
volúveis comportamentos, depois
de envergonhar-me de meus ma-
les. E, silenciosamente, a mulher
em pedra mostra um complacente
amor por mim. Sensação mag-
nífica e terrível na implosão inusi-
tada.

Terei que reconstruir-me pe-
dacinho por pedacinho, com o de-
nodo e a paciência com que res-
tauraram e colaram os cento e cin-
quenta e seis cacos em que a
transformaram certa vez...

Conseguirei me recompor e
ressurgir como figura feminina
modelar, imitando tal mulher ene-
grecida pelo tempo nas águas do
rio Paraíba do Sul, mas fonte visí-
vel de perene e total doação a
Deus?

Salve-me, Maria!

Lóla Prata é escritora, poeta, idealizadora e fundadora da ASES - Associação de Escritores de Bragança Paulista. Autora de Arrimo, Alabastro, entre outras obras.

A Uma Mulher que partiu

Hilda Mendonça

Visitei ontem, minha irmã, a tua casa,
ou aquela que o fora
antes que fosses contar estrelas,
e tu não estavas lá.

Os santinhos de tua devoção
quedavam-se tristes

a espera de reza.

Tuas roupas floridas no armário
já não esperam primavera.

E os livros, estes que te foram tão fiéis?

Solitários, parecem estender-me as mãos,
implorando leitura.

No impacto de tua ausência,
solidão penetrou poros,
inundou-me a alma.

Fiquei ali, estática,
até meio imbecil

Deveria mandar as roupas a quem as use?
Livros a quem os leia?

Os santinhos a quem lhes reze?

Diante de tantas indagações,
simplesmente fechei a porta e saí.

Hilda Mendonça é escritora, professora, membro fundadora da Associação Cultural dos Escritores de Passos e Região e da Academia Taguatinguense de Letras - DF.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -

Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



OLHAR CINÉFILO

Coletânea com organização de João Barcellos

Com selo da brasileira Edicon e parceria lusa do Centro de Estudos do Humanismo Crítico (Guimarães) e do latinoamericano Grupo de Debates Noética, acaba de sair do prelo digital a coletânea 'Olhar Cinéfilo', que conta com a organização de João Barcellos e um ensaio filosófico-cinematográfico de Manuel Reis.

Mariana d'Almeida y Piñon (Brasil), Maria C. Arruda (Brasil), João Barcellos (Brasil), Carlota Maria Moreyra (França), Manuel Reis (cehc, Portugal), Mário G. de Castro Brasil), J. C. Macedo (Portugal), Joana d'Almeida y Piñon (EUA), Te-reza de Oliveira (i.m.), Maria Augusta de Castro e Souza (Alemanha), Céline Abdullah (Moçambique), Carlos Firmino (i.m.), Johanne Liffey (Irlanda), Marta Novaes (i.m.) e Rosemary O'Connor (Inglaterra), são autoras e autores dos textos de análise a filmes e à cultura cinematográfica.

Do encantamento à reflexão, 'Olhar Cinéfilo' foi uma proposta antiga do poeta e jornalista J. C. Macedo que, entre festivais de cinema amador e jornadas cineclubistas no norte português, quis 'apanhar' o pensamento da turma cinéfila que o rodeava. Muitos anos depois do seu livro com 'poesia cinéfila', de edição própria, este 'Olhar Cinéfilo' surge como mais uma e importante referência para amantes do cinema e ativistas de cineclubes. // MAYP

SERVIÇO: O custo do livro é R\$50,00 e pode ser solicitado via e-mail terranovacomunic@uol.com.br (já com o custo da remessa incluído).



Livros

Inhala Seca, de Ivana Maria França de Negri, Audexia Edições, Coleção Lendas de Piracicaba, infanto-juvenil, Limeira (SP), 12 páginas ilustradas.

ISBN: 978-85-94114-35-8.

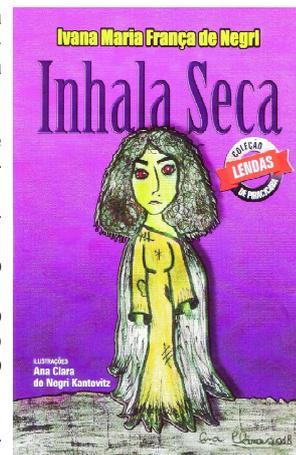
As ilustrações são de Ana Clara de Negri Kantovitz, de 10 anos, neta da autora.

O livro foi editado com apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Prefeitura do Município de Piracicaba, Ação Cultura e Audexia Edições.

A autora é escritora, poeta e membro da Academia Piracicabana de Letras, do Grupo Oficina Literária de Piracicaba e do Centro Literário de Piracicaba.

Segundo Valdízia Maria Capranico, Presidente do IHGP, "Piracicaba, como todos sabem, é uma cidade rica em história, memória e também em folclore às crianças. / Numa linguagem fácil, agradável, esperamos que seja o primeiro de uma longa série de lendas de nossa terra. / Parabéns à escritora, à desenhista e a todos que puderem colaborar para que a memória de nosso folclore permaneça viva."

Ivana Maria França de Negri: ivanamfn@yahoo.com.br



O Relógio Comandante, crônicas, de José Ribamar Garcia, Litteris Editora, 128 páginas, Rio de Janeiro.

ISBN: 978-85-374-0477-5. A capa - Fotofolia: *Time passing* - De Stillfx.

O autor é escritor, cronista, contista, jornalista, advogado, membro da Academia Piauiense de Letras, do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e do Instituto dos Advogados do Brasil. Exerceu o cargo de Conselheiro da OAB-RJ.

A obra reúne histórias que viram novas histórias, dividida em duas partes: Crônicas e Reminiscências e O Assediador e Outras Histórias.

Litteris Editora: www.litteris.com.br

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVI

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

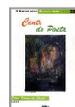
Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





Notícias



Jorge Salomão

Jorge Dias Salomão, poeta, compositor, letrista, escritor e diretor de teatro, faleceu no dia 7 de março, no Rio de Janeiro. Nasceu em Jequié (BA) a 3 de novembro de 1946. Autor de *Mosaical* (1996), *O olho do tempo* (1997), *Campo da Amerika* (1998), *Sonoro* (1999), *Alguns poemas e + alguns* (2016) e *7 em 1* (2020). Era irmão do poeta e compositor Waly Salomão. Dirigiu várias peças teatrais e shows musicais entre os anos de 1967 e 1969. Trabalhou na revista *Navilouca*, criada por Waly Salomão e Torquato Neto.

A Feira do Livro de Londres, programada para acontecer de 10 a 12 de março, foi cancelada pela Reed Exhibitions - organizadora do evento - em decorrência do avanço da covid-19, doença causada pelo novo coronavírus. Também foram canceladas a Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, o Salão do Livro de Paris, a Feira do Livro de Leipzig e a Feira do Livro de Abu Dhabi.

O Magazine Luiza concluiu a aquisição da Estante Virtual, plataforma de marketplace de livros novos e usados que pertenciam à Livraria Cultura desde 2017. A Estante Virtual reúne mais de seis mil livros e vendedores.

O Prêmio Kindle de Literatura, promovido pela Amazon e Nova Fronteira, agraciou *Dias vazios*, de Barbara Nonato que receberá R\$ 30 mil.

A Biblioteca Nacional, Universidade de Brasília, Universidades Federais de Juiz de Fora e de Uberlândia utilizam scanners Zeta Confort que conservam os livros, eliminam o uso de papéis e trazem economia aos alunos - uma tecnologia na preservação de acervos e democratização do acesso.

O 13º Festival de Poesia, promovido pela Ong Usina dos Sonhos, será realizado nos dias 08, 09 e 10 de maio de 2020, na cidade de Dois Córregos (SP). O evento prestará homenagem a poetas de todos os estados brasileiros. O poeta e cordelista Ivanildo Souza, o Poeta Afamado!, de Japarutuba-SE, fez um cordel com o nome dos referidos poetas: Luiza Galvão Lessa (Acre), João Gomes de Sá (Alagoas), João Gomes (Amapá), Dori Carvalho (Amazonas), José Inácio Vieira de Mello (Bahia), Luciana Martins (Distrito Federal), Renata Bomfim (Espírito Santo), Alice Spíndola (Goiás), Daniel Blume (Maranhão), Raquel Naveira (Mato Grosso do Sul), Lucinda Nogueira Persona (Mato Grosso), Aroldo Pereira (Minas Gerais), Airton Souza (Pará), Ricardo Bezerra (Paraíba), Dinovaldo Giloti (Paraná), Maciel Melo (Pernambuco), Diego Mendes Sousa (Piauí), Nilidinha Freitas (Rio Grande do Norte), Oscar H. Marques Cardoso (Rio Grande do Sul), Elizeu Braga (Rondônia), Eliakin Rufino (Roraima), Marcelo Steil (Santa Catarina), Rosani Abou Adal (São Paulo), Ivanildo Souza (Sergipe), Eliosmar (Tocantins) e Eduardo Tornaghi (Rio de Janeiro).

O 5º Prêmio Cepe Nacional de Literatura e o 2º Prêmio Cepe Nacional de Literatura Infantil e Juvenil, promovidos pela Companhia Editora de Pernambuco, laurearam na categoria Romance Vanessa Molnar Maluf, com a obra *A importância dos telhados*; em Poesia, *As cartas de Maria*, de Zulmira Alves Correia; Infantil, Viviane Ferreira Santiago, com *A biblioteca de Bia*; e Juvenil, *Contos com gigantes*, de Carolina Becker Koppe; e na categoria Contos, Emir Rossoni, com *Erros, errantes e afins*.

Correspondência de Machado de Assis, produzida entre os anos de 1860 e 1908, em cinco volumes, foi reeditada pela Editora Global em parceria com a Academia Brasileira de Letras.

O 15º Festival Literário de Poços de Caldas, que será realizado de 25 de abril a 3 de maio, terá como escritora homenageada a acadêmica Ana Maria Machado. O tema da edição será Mulher e Literatura: da poesia ao poder.

As guerras de vingança e as relações internacionais: um diálogo com a antropologia política sobre os Tupi-Guarani e os Yanomami, de Alberto Montoya Correa Palacios Junior, foi lançado pela Editora UNESP.

Nobre Lobo, quadrinho publicado pela SESI-SP Editora, Gustavo Tertoleone (roteirista), João Gabriel (desenhista), Danilo Freitas (colorista), Maria Paula (designer), foi contemplado com o Prêmio Cátedra 10 UNESCO-PUC Rio - Edição 2019.

Condições Nervosas, romance de ficção de Tsitsi Dangarembga, traduzido por Carolina Kuhn Facchin, foi lançado pela Kapulana Editora. A obra, publicada originalmente em 1988, é o primeiro livro escrito em inglês por uma mulher negra do Zimbábue.

Carmen Pilotto e Ivana Negri lançaram *A Baratinha Assanhada e o Gafanhoto Arteiro*, edição bilingue, com ilustrações de Renato Fabregat e tradução para a língua inglesa de Fernanda Bacellar, no Espaço Pipa Café, no Engenho. Parte da renda com as vendas dos livros foi destinada para o Pipa que trabalha em projetos de capacitação e inclusão de crianças e adolescentes com Síndrome de Down.

Natalia Timermam e Andreia Donadon Leal participarão do debate O UNIVERSO FEMININO: depressão, bullying e suicídio na Literatura, com mediação de Ricardo Mituti, no dia 28 de abril, na FLIPOÇOS, às 15h30, na Biblioteca Centenário, em Poços de Caldas (MG).

A Livraria Gutenberg, recém-inaugurada, está localizada anexa à mercearia São Pedro, Rua Rodésia, 34, em São Paulo.

Marco Lucchesi, presidente da Academia Brasileira de Letras, foi condecorado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Arad, na Romênia, no dia 12 de fevereiro.

Cícero Sandroni assumiu a direção da *Revista Brasileira*, publicação trimestral da Academia Brasileira de Letras, disponível em versão digital na página da entidade. www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira-no100

O Museu Casa da Xilogravura recebeu, em doação do Clube de Gravadores, gravuras de variados artistas, dentre as quais incluiu-se o álbum "*Museu Florestal, uma Inspiração*", composto de gravuras de 138 artistas, que participaram, em 2019, de uma exposição no Museu da Madeira do Horto Florestal de São Paulo. www.casadaxilogravura.com.br

O 10º concurso Conto e Poesia, promovido pelo Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis - Sinergia, divulgará os resultados até abril. www.sinergia.org.br

O Painel Permanente de Poesia Juca Silva Neto abriga exposição de poemas de Natália Campos até o dia 15 de março, nas dependências da Biblioteca Pública Municipal "Doutor Antônio Teixeira de Carvalho" do Centro Cultural Hermes de Paula, em Montes Claros (MG).

O 3º Beagá Psiu Poético, realizado de 14 a 18 de março, em diversos espaços da capital mineira, presta homenagem a Marielle Franco. Tem como objetivo a celebração e difusão das diversas manifestações artísticas, a partir da arte poética. O evento abriga saraus, lançamentos de livros, performances e shows musicais.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br